



Insurreição, guerra e água em Hijo de hombre, de Augusto Roa Bastos

ISABEL ARAÚJO BRANCO¹

RESUMO

Com esta comunicação procuramos compreender melhor as actuais relações de poder latino-americanas tendo em conta a História do Paraguai, contexto fundamental do romance *Hijo de hombre*, de Augusto Roa Bastos. A obra apresenta uma versão alternativa à História oficial abarcando o período entre 1910 e 1935, época em que se destacam a revolta agrária de 1912 e a Guerra do Chaco. Trata-se de uma narrativa que evidencia os ciclos históricos e sociais de protesto e repressão.

PALAVRAS CHAVE

Água, Guerra do Chaco, Revolta, Augusto Roa Bastos, Literatura do Paraguai

ABSTRACT

With this paper we seek to understand the Latin-American power relations in present days, considering Paraguay history, fundamental context of Augusto Roa Bastos's romance *Hijo de hombre*. His work presents an alternative version of the official history between 1910 and 1935, when the agrarian revolution of 1912 and the Chaco War are the main events. This is a narrative that highlights the social and historical cycles of protest and repression.

KEY WORDS

Water, Chaco War, Uprising, Augusto Roa Bastos, Paraguay's Literature

1 Isabel Araújo Branco. Docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Trabalha nas áreas da Literatura Comparada, Literaturas Hispano-Americanas, Tradução e Estudos Contemporâneos da América Latina. Membro do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos (UNL) e do projecto Diálogos Ibéricos e Ibero-Americanos (UL).

Contacto: isabelaraujobranco@gmail.com

A 27 de Abril de 2009, os presidentes do Paraguai e da Bolívia assinaram um acordo que demarca as fronteiras entre os dois países, colocando um ponto final na Guerra do Chaco, quase 75 anos após o fim do conflito. Este acordo decorre do Tratado de Paz firmado em 1938, que reconheceu a vitória do Paraguai e a anexação de três quartos da região do Chaco Boreal por este país. Na ocasião, a anfitriã, a presidente argentina Cristina Kirchner, classificou aquela guerra como “enfrentamientos sin sentido que lo único que hicieron fue llevar agua al molino de los otros”, que “no estaban en la América del Sur” (Niebieskikwia, 2009). Referia-se às duas companhias petrolíferas que estiveram por trás do conflito, a norte-americana *Standard Oil*, com base em território boliviano, e a anglo-holandesa *Royal Dutch Shell*, com negócios em terras paraguaias.

Fernando Lugo, presidente do Paraguai eleito há cerca de um ano, formulou um desejo: “Que nunca más un viejo y heredado pleito de fronteras, originado en imprecisos límites coloniales y agudizado por influencias externas, nos lleve a la situación cuyo desenlace sea la guerra (R., A., 2009)”. Por seu lado, o presidente boliviano, Evo Morales, defendeu que “las guerras no han sido entre los pueblos. Éstas vienen de arriba, de afuera, impulsadas por las transnacionales. Una lucha de grupos oligárquicos nacionales e internacionales sobre nuestros recursos naturales.” (Roa, 2009).

A Guerra do Chaco (1932-1935) tem origem nas disputas territoriais entre o Paraguai e a Bolívia desde a independência no início do século XIX, estimuladas mais tarde pelos nacionalismos exacerbados que resultaram de derrotas em outros conflitos: o Paraguai na Guerra da Tripla Aliança contra a Argentina, o Brasil e o Uruguai; e a Bolívia na Guerra do Pacífico contra o Chile. O acesso à água e ao petróleo esteve na base da disputa por um território profundamente árido, dois recursos que hoje, sete décadas passadas, continuam a ser motivo de conflitos internacionais.

Atualmente, o Paraguai trabalha em duas frentes, procurando renegociar as condições da represa hidrelétrica de Yacyretá com a Argentina e principalmente da barragem hidrelétrica de Itaipu com o Brasil. As conversações com o governo de Lula da Silva contam já vários capítulos, mas os objetivos paraguaios parecem difíceis de atingir. A barragem de Itaipu – construída pelos governos de Brasília e Assunção no rio Paraná no início da década de 1970 – apresenta a



maior capacidade produtiva do mundo e, dos 50 por cento de eletricidade a que o Paraguai tem direito, apenas cinco por cento são consumidos. Os excedentes do 45 % são vendidos ao Brasil, mas a preço de custo, ou seja, a 2,80 dólares por kilowat. Depois, a Electrobrás revende-a a mais de 60 dólares no mercado brasileiro. O governo de Lugo pretende receber um pagamento de acordo com os valores do mercado, de forma a ter lucro e abater a sua dívida internacional. Por outro lado, quer ter direito a vender a energia a outros países.

Quando foi assinado o Tratado de Itaipú (em 1973), o petróleo custava pouco mais de 2 dólares por barril. Hoje, o seu preço está em torno de 100 dólares por barril. O Paraguai recebe hoje pela sua energia muito menos, em termos reais, que em 1973. Hoje podemos comprar muito menos petróleo que há 35 anos. E consta que, naquele ano, toda a opinião pública paraguaia viu como irrisórios os lucros fixados no tratado. Não pretendemos cobrar o que não nos pertence (Lugo, 2008),

Lê-se num artigo de Fernando Lugo, então ainda candidato presidencial, no *Folha de São Paulo*, em Abril de 2008. Para compreender esta disputa, há que a enquadrar sob uma perspectiva mais global. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) calcula que mais de mil milhões de pessoas sofrem uma severa carência de água potável em todo o mundo. A América do Sul aloja 47 por cento das reservas globais de água, devido à existência de grandes rios, lagos e reservas subterrâneas do Sistema Aquífero Guarani, o terceiro maior do mundo e que se alonga pelo Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai.

Segundo Gilberto Dupas, coordenador-geral do Grupo de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo e presidente do Instituto de Estudos Económicos e Internacionais do Brasil, são necessários 1650 litros de água para produzir 1 quilo de soja, 1900 para 1 quilo de arroz, 3500 para 1 quilo de aves e 15 mil para 1 quilo de carne bovina. Este professor diz ainda que são necessários 10 litros de água para produzir cada litro de gasolina, 95 para um quilo de aço e 324 para um quilo de papel. Dupas chama a atenção para possíveis acções norte-americanas citando estudos de instituições dos EUA. “A América do Sul pode ter na escassez da água doce global uma enorme vantagem mundial, ou meter-se em encrencas internas e hemisféricas. Tudo depende de bom senso, visão estratégica e articulação conjunta entre os países da região” (Dupas, 2009), afirma num artigo publicado recentemente no jornal *O Estado de São Paulo*. Partindo

deste contexto político-económico da América Latina e do tema do Forum Científico do CEISAL de 2009, “Poder e cultura entre a Europa e a América Latina no século XXI”, passaremos à análise literária de *Hijo de hombre* (1959, com versão final de 1983), do paraguaio Augusto Roa Bastos.

A “roda-viva” das gerações

De facto, o contexto histórico e as relações de poder na América Latina são fundamentais no romance. A obra oferece uma versão alternativa à História oficial abarcando o período entre 1910 e 1935, época marcada pela revolta agrária de 1912 e pela Guerra do Chaco. Trata-se de uma narrativa em que história e mito se misturam e os acontecimentos – contados sem uma ordem cronológica – evidenciam os ciclos históricos e sociais de protesto e repressão, que envolvem várias gerações de paraguaios, incluindo pais e filhos. Uma das questões fundamentais da *novela* é precisamente a água. O acesso ao rio Paraguai – que desagua no oceano Atlântico e proporciona uma saída para o mar aos países sem costa – foi, como vimos, um dos motivos da Guerra do Chaco, que opôs os exércitos paraguaio e boliviano. Vejamos como a água, a guerra e a insurreição funcionam como *topoi* fundamentais da obra². Começemos pelo primeiro episódio da narrativa, “Hijo de hombre”, passado na povoação de Itapé, marcada desde a sua origem pela indiferença e o interesse dos poderosos:

El virrey achacoso se habría limitado a posar la uña sobre la inmensidad desconocida y vacía, despreocupado de las penurias y del sudor que empujaba a nacer, como sucedía siempre cuando se trataba de repartir la tierra a los encomenderos o de premiar las fatigas de los capitanejos que habían contribuido a reducir las tribus. (Roa Bastos, 2008 [1983]: 12)

O Cristo de madeira esculpido por Gaspar Mora é um símbolo da resistência e do contrapoder que se vai constituindo:

² Seguiremos a versão final do romance, editada por Roa Bastos em 1983. Alguns críticos preferem a versão inicial, publicada em 1959. É o caso de Giuseppe Bellini, que, na sua *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*, escreve sobre a segunda versão: “Se sacrifican en ella muchos motivos y personajes que constituyeron la sustancia del original.» (Bellini, 1997: 490)



Quizá no era más que el origen del Cristo del cerrito lo que había despertado en sus almas esa extraña creencia en un redentor harapiento como ellos, y que como ellos era continuamente burlado, escarnecido y muerto, desde que el mundo era mundo. Una creencia que en sí misma significaba una inversión de la fe, un permanente conato de insurrección. (p. 40)

Gaspar Mora “lo había tallado a su imagen y semejanza” (p. 58), como o Deus dos cristãos havia feito com os homens. Este é, portanto, não filho de Deus, mas *hijo de hombre*, como indica o título do livro. Como é ele? Apresenta as características mais autênticas dos homens: paciência e resistência. É nelas que reside o seu poder. Por isso, o monte onde é colocado deve ser batizado de *Kuimbaé-Rapé*, Caminho-do-Homem, como deseja Macario Francia, e não *Tupá-Rapé*, Caminho-de-Deus, como decidira o padre Fidel Maíz. Porque o Cristo é filho de homem.

Macario é um dos primeiros resistentes que surgem na obra. Filho de um dos escravos libertos do ditador José Gaspar Rodríguez de Francia, chega aos 90 anos a contar histórias do seu passado aos mais novos. Durante o episódio do Cristo de madeira, o mendigo torna-se numa espécie de “patriarca del pueblo”, “un patriarca cismático y rebelde” (p. 66), que luta contra o poder da Igreja, até quando esta recua na sua posição em relação à estátua e anuncia que a vai abençoar. “Nuestro Cristo no necesita la bendición de ellos”, declara. Contudo, Macario acaba por ceder, porque, como refere o narrador, “el cisma no había prendido lo suficiente” (p. 67). Essa aprendizagem será feita por outros, mais tarde.

Ao longo da obra encontramos, de um lado, os governos, as elites e a Igreja, a repressão violenta e a injustiça social; do outro, a revolta do povo (organizada ou não), reivindicações de pão, terra e liberdade, e atos de coragem e inteligência. Acompanhamos estes homens e mulheres comuns e anônimos e constatamos que a resistência passa de geração em geração, um devir exemplificado por Casiano, Natividad e o seu filho Cristóbal. O primeiro participa na frustrada revolta de 1912. Estava no comboio de insurrectos que se preparava para conquistar a capital e derrubar o governo, mas que foi albarroado por uma locomotiva com explosivos na estação de Sapukai. Ao contrário da maioria dos

seus companheiros, consegue fugir da morte e da prisão com a mulher. É um resistente que passa esse gene ao filho, guerrilheiro de uma futura rebelião.

Não podemos ignorar a simbologia dos nomes dos membros da família Jara: Casiano, derivando de Casio, significa distinto e ilustre; Natividad indica o dia do nascimento (ou renascimento...); e Cristóbal é o portador de Cristo, de um Cristo que não será muito diferente dele: ambos nasceram na pobreza e ambos querem mudar o mundo para melhor. Como dizia María Regalada sobre Cristóbal, “él tiene que vivir para cumplir su obligación. [...] Luchar para que esto cambie...” (p. 215).

Passemos ao quarto episódio do romance, “Éxodo”, que se inicia com a fuga das figuras animais de um homem, de uma mulher e de um bebé cobertos de barro, profundamente fatigados, a lutar contra a natureza que os rodeia e os guardas que os perseguem. Trata-se da família Jara, como veremos depois. Caminham devagar, mas o mais depressa que conseguem, tomados pelo medo. “[...] parecen animales acosados, embretados en una trampa sin salida” (p. 120), descreve o narrador. Acabam por encontrar uma solução precisamente por estarem para lá dos animais e jamais desistirem.

A “armadilha” é descrita nos capítulos seguintes: a oferta de emprego, o dinheiro oferecido, as roupas novas, a refeição no restaurante... Mas já então sabe que se trata apenas de uma aparência enganosa. O narrador fez questão de mostrar o resultado de tudo isso logo de início, descrevendo a fuga, o mito da impossibilidade de escapar, as disposições legais contra os peões e as condições miseráveis nas plantações de erva-mate, isoladas no interior do país.

Casiano Jara e Natividad rapidamente se desiludem com o novo trabalho e, mesmo antes de chegar à aldeia, decidem abandoná-la em pouco tempo. Os abusos de poder, a injustiça, a exploração, as doenças e a falta de condições desesperam o casal, mas é a notícia da gravidez de Natí que os leva a decidir sair dali. Os planos são antecipados quando Juan Chaparro mostra que quer tomar a mulher para si. Compreendem, então, que é impossível pagar a dívida nos meses seguintes e que a única solução é escapar. A partir de então pensam apenas na fuga, ainda que o mais provável seja um final infeliz. Este plano torna-se a sua obsessão e tentam convencer outros companheiros. Ninguém adere, mas



eles também não desistem: “No quiero que nazca aquí”, repetia Casiano, fazendo eco dos pensamentos da mulher.

Aproveitando uma oportunidade única, concretizam os seus planos. Deixam para trás dois anos de sofrimento, suportado pela esperança numa nova vida em Sapukai, a sua terra de origem, fundada pelo pai de Casiano. Contudo, as dores de parto de Natí impedem que se distanciem e os guardas da plantação rapidamente os encontram. O bebé nasce pouco depois, numa carroça que trazem para a selva. Para o homem, ao contrário do esperado, o castigo não é a morte, mas o ceppo. Ali permanece durante 15 dias, ao fim dos quais o patrão conclui que está louco e o liberta. Mal regressa para junto da mulher e do filho recém-nascido, Casiano anuncia a nova fuga. Não há que esperar mais e uma segunda marcha é iniciada, uma “marcha enloquecida y desesperada, que se abra paso en la selva por picadas y desmontes” (p. 147).

Inicia-se, então, uma nova luta, uma luta contra aquela mata desconhecida, o escuro da noite, as febres de Casiano e o cansaço e a fome de ambos. Ao alvorecer, apercebem-se de que andaram em círculos e que estão novamente às portas da aldeia. Em vez de sentir desânimo, refletem nas vantagens que o engano lhes trará: os guardas nunca pensarão que eles se encontram tão perto e procurarão em zonas mais afastadas. Esse percurso circular confunde o faro dos cães, também eles perdidos na reconstituição da fuga.

Natí e Casiano prosseguem o seu caminho nos pântanos durante dois dias, entre alucinações e um temor crescente, sem jamais desistir. Finalmente passam o rio Monday e aí apanham a boleia de um homem muito velho. Quase não fala e os seus olhos brilham de uma forma inusitada. É um desconhecido ou uma reencarnação do pai de Casiano? Durante os três dias que dura a viagem na carroça, o homem não abre a boca e não demonstra ter fome, sono ou cansaço. É real ou uma assombração? Não importa: é a sua salvação. Sapukai está já perto.

O bebé que então viaja nos braços da mãe transforma-se, anos mais tarde, num ousado guerrilheiro que conspira contra o poder. Nascido durante a fuga dos pais da plantação, a sua vida fica irremediavelmente marcada pela rebeldia. Herda, pois, a perseverança dos pais com mérito. Mas, tal como acontecera com eles na estação de Sapukai, a tentativa de golpe sai frustrada e o movimento é

desbaratado. Todos os seus elementos são mortos ou presos, numa repressão feroz. Só Cristóbal consegue escapar, à imagem dos seus pais. Retomemos o primeiro episódio do romance, “Hijo de hombre”. Quando Gaspar Mora, leproso, é encontrado nos montes, diz: “es bueno saber por lo menos que uno no acaba, que se continúa en otra vida, en otra cosa. Porque hasta en la muerte se quiere seguir viviendo” (p. 54).

Podemos tomar estas palavras como chave para a compreensão da obra: se um momento de insurreição e revolta termina, o movimento de contra-poder não acaba aí; se determinados homens morrem ou são presos devido à sua acção política, os seus filhos voltarão a organizar-se anos depois. São ciclos que se renovam continuamente, gente que “se continúa en otra vida” como afirmava Gaspar. Ele diz sofrer, mas não pela doença que contraiu: “Sufro porque tengo que estar solo, por lo poco que hice cuando podía por mis semejantes (p. 54).” É o seu sentido de comunidade, a sua vontade de melhorar a sociedade para si e para os outros, à semelhança dos revoltosos que se espalham por todo o texto. Também Macário Francia fala deste prolongamento do homem nos outros. Para ele, há dois nascimentos: “...uno al nacer, otro al morir... Muere pero queda vivo en los otros, si ha sido cabal con el prójimo. Y si sabe olvidarse en vida de sí mismo, la tierra come su cuerpo pero no su recuerdo... [...] Tiene que ser la obra de todos” (p. 68). A eternidade a que se pode ascender é esta: “sobreviver en los demás.” (p. 68).

No caminho da liberdade

Voltemos a Cristóbal Jara e aos seus companheiros. Os antigos guerrilheiros são destacados para a missão mais difícil do exército paraguaio: levar água a um grupo de soldados isolado para lá da frente de batalha. Mais uma vez revelam ser heróis, em nome do país de sempre, agora frente a um outro inimigo, os bolivianos. Desta vez, a derrota é mortal. Mas será derrota, de facto? Morrem, sim, mas atingem o objectivo proposto, levar água e cuidados médicos aos militares. É mais uma vitória da perseverança e da resistência. A grande ironia dessa “roda viva” que é a narrativa é o facto de Cristóbal Jara e dos seus companheiros salvarem o Tenente Vera, o homem que os ajudou a montar a guerrilha, mas que, numa bebedeira, os delatou provocando mortes e detenções. No



percurso, encontramos violência, morte indiscriminada e incontrolável, o medo do minuto seguinte, fome e esforço físico, superstições e incerteza, a sede e o calor do deserto, actos de coragem e de cobardia, que, em momentos precisos, revelam o verdadeiro carácter dos homens. Rivas e Otazú fogem da coluna, inventando uma patranha; por seu lado, Silvestre Aquino morre ao tentar fazer explodir uma bomba com o objectivo de proteger os companheiros.

Esta viagem final é puramente humana e implica determinação, inteligência e solidariedade. É uma missão que, de tão difícil de concretizar, parece suicida. Para a cumprir há que controlar os instintos de sobrevivência, os instintos básicos do homem. Mesmo que isso signifique a morte para Aquino, Salu'í e Cristóbal Jara.

Ao contrário de Casiano e Natí, para quem a fuga significava uma esperança de vida, estes homens transformados em militares têm a morte como recompensa. Sabendo-o, necessitam de toda a determinação humana para levar ao fim a sua missão. Cristóbal grita aos soldados que lhes roubam a água: “¡Cobardes! ¡No saben morir como hombres..., en sus puestos!” (p. 315). É, pois, como homens que se comportam, cumprindo a sua missão humana, cumprindo humanamente a sua missão. Quando os pneus do camião são furados, enchem-nos de palha e prosseguem, recusando um motivo perfeito para regressar à base. É a sua missão, como indica o título do episódio e como explica por fim Cristóbal a Salu'í: “no entiendo lo que se dice con palabras. Sólo entiendo lo que soy capaz de hacer. Tengo una misión. Voy a cumplirla. Eso es lo que entiendo” (p. 320). É outra forma de renascer. Comenta Salu'í: “...antes de morir, Aquino me dijo que yo estaba naciendo de nuevo. Tal vez tenía razón. Estar aquí, a tu lado... y no sentir vergüenza... me parece imposible...” (p. 320). Gaspar e Macário falavam no renascimento através das gerações seguintes. Agora temos um renascer no próprio ser, fruto da suplantação dos próprios limites. É, afinal, a busca da liberdade:

Y qué podía ser el destino para un hombre como Cristóbal Jara, sino conducir su obsesión como un esclavo por un angosto pique en la selva o por la llanura infinita, colmada con el salvaje olor de la libertad. Ir abriéndose paso en la inexorable maraña de los hechos, dejando la carne en ella, pero transformándolos también con el elemento de esa voluntad cuya fuerza crecía precisamente el integrarse en ellos. Lo que no puede hacer el hombre nadie más puede hacerlo..., había dicho él mismo. Y había muchos como él, incontables, anónimos (pp. 322-323).

Os caminhos-de-ferro

A povoação de Itapé começa a transformar-se com a chegada do caminho-de-ferro, bem mais do que o narrador dá a entender no primeiro episódio: “Con las vías el pueblo comenzó a deperezarse.” (p. 38). Noutra parte do romance se conta a história da revolução de 1912, malograda na estação ferroviária de Sapukai. O plano incluía transportar um grupo de homens até à capital, em busca de “tierra y libertad”, e aí substituir o governo. Contudo, o telegrafista denuncia-os e o exército lança de surpresa uma locomotora carregada de bombas contra o comboio rebelde. A festa popular na estação – com mulheres e crianças a despedir-se alegremente dos revoltosos – deu lugar a mortes, destruição e detenções. Sapukai – que em guarani significa “grito” – transforma-se num local de luto e simultaneamente em símbolo de insurreição e liberdade. Foi, pois, um grande grito de independência aquele que foi dado naquele dia na estação.

Os caminhos-de-ferro são, portanto, um símbolo da revolta paraguaia, de um sentimento progressista, da aspiração a uma sociedade mais justa. Há marcas disso em todo o livro. Por exemplo, quando fugiam rumo ao sul, Casiano e Natí – dos poucos que se salvaram nesse massacre na estação – seguiam a via-férrea. Mais tarde, quando regressam a Sapukai, os Jaras transformam o único vagão que sobreviveu à explosão na sua casa, embrenhando-se, dia a dia, um pouco mais na selva e isolando-se da localidade. É uma viagem com contornos inverosímeis e que impressiona quem a conhece. Trata-se de uma espécie de prolongamento da revolta de 1912, agora uma revolta individual mas permanente. No vagão pode ler-se “Sto. Casiano Amoité – 1.^a Compañía. Batalla de Asunción” (p. 179). Como explica o narrador, “amoité” significa “lo que estaba más allá del límite de la visión y de la voluntad en el espacio y en el tiempo” (p. 179). Um revoltoso que ultrapassa todas as barreiras, portanto.

Anos mais tarde, o vagão abriga o grupo de guerrilheiros de que Cristóbal faz parte. É junto a ele que se reúnem, se organizam e se treinam. Quando esta revolta é descoberta, os soldados regulares incendeiam o vagão, tomando-o também como um emblema da insurreição. O fumo mantém-se no ar durante vários dias. “Tarda en quemarse todo ese vagón” (p. 194), comenta um rapaz. É, de facto, até ao fim, o símbolo da revolta.



Contudo, uma visão poética...

A experiência pessoal de Augusto Roa Bastos na Guerra do Chaco foi fundamental na redação da *novela*, como o próprio admite. Aos 16 anos é convocado para o serviço militar, participando no conflito como soldado, do início ao fim. “Esa guerra, esa experiencia horrible determinó la orientación, por lo menos, del primer capítulo de mi trabajo *Hijo de hombre*. Fue simplemente un tema vivido que debía escribir para desahogarme. Era una pesadilla y por lo tanto debía ser dominada de algún modo” (Lorenz, 1972: 277), afirma em entrevista a Günter Lorenz, em *Dialogo con Latinoamérica. Panorama de una literatura del futuro*. Nessa obra, Lorenz comenta que *Hijo de hombre* denota uma “constante tristeza” e uma “nostalgia poética” (p. 276), fruto da confluência das heranças culturais de Roa Bastos: a guarani e a portuguesa: “[...] de la herencia portuguesa llevas en ti esa nostalgia que en Portugal se llama ‘saudade’, pero por la otra parte, la de tus antepasados indígenas guaraníes, has recibido mucho de esa tristeza poética que caracteriza el pensamiento, la sensibilidad y también las canciones populares y leyendas de ese pueblo”.

O autor confirma, em seguida, as palavras do entrevistado: “Creo que la influencia decisiva la recibí en mi niñez y juventud. Después no fue necesario un hecho exterior considerable, sino un pequeño impulso. Sobre todo fue importante el ambiente de mi niñez, ese medio con el aire saturado de leyendas, con su poesía.” De facto, a utilização de frases e expressões em guarani conferem um outro tom ao texto, mesmo se o leitor não conhece a língua. É o narrador que concede esse outro sentido ao texto: “el dejo suave de la lengua india tornaba apacible el horror, lo metía en la sangre. Ecos de otros ecos. Sombras de sombras. Reflejos de reflejos. No la verdad tal vez de los hechos, pero sí su encantamiento” (pp. 41-42). O guarani está em pé de igualdade com o espanhol no Paraguai. É uma espécie de irmão, de paralelo, que permite aceder a novos sentidos. Como refere mais à frente o narrador, “no hay tristezas en el guaraní; las palabras salen recién inventadas, sin tiempo de envejecer” (p. 319). Porque, afinal, falar uma língua indígena no seio da América Hispânica é também um acto de rebeldia e insubmissão, tão ou mais poderoso como lutar abertamente contra um governo.



Bibliografia

BELLINI, GIUSEPPE (1997): *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*, 3.^a ed. Madrid: Editorial Castalia.

DUPAS, GILBERTO: “Conflitos por água doce”. *O Estado de São Paulo* in www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080119/not_imp111764.o.php

Consultado a 30 de Abril de 2009.

LORENZ, GÜNTER W. (1972): *Dialogo con Latinoamérica. Panorama de una literatura del futuro*. Valparaíso: Editorial Pomaire. Ediciones Universitarias de Valparaíso.

LUGO, FERNANDO, “Equidade beneficia Paraguai e Brasil”. *Folha de São Paulo* in www.folha.uol.com.br Consultado a 18 de Maio de 2008.

NIEBIESKIKWIAT, NATASHA, “A 74 años de la guerra del Chaco, Evo y Lugo sellaron un acuerdo”. *Clarín* in www.clarin.com/diario/2009/04/28/el_mundo/i-01907338.htm Consultado a 30 de Abril de 2009.

R., A., “Bolivia y Paraguay ponen fin a sus disputas fronterizas”. *El País* in www.elpais.com/articulo/internacional/Bolivia/Paraguay/ponen/fin/disputas/fronterizas/elpepuint/20090428elpepuint_8/Tes Consultado a 30 de Abril de 2009.

ROA BASTOS, AUGUSTO 2008 [1983]: *Hijo de hombre*. Barcelona: Debolsillo.